

A ALFABETIZAÇÃO E O ENSINO REMOTO: o que dizem e fazem os Orientadores Pedagógicos

Laís Ribeiro Canuto¹

Angélica Silvestre Pereira Ferreira²

Marcelle Rodrigues³

Eixo temático: 10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo

A alfabetização, em especial, no Brasil constitui-se ao mesmo tempo como tema de pesquisas e debates, como desafio ainda não superado em termos de resultados e aprendizagens. Esse cenário convida à reflexão sobre modos possíveis de promoção de práticas que possibilitem uma alfabetização de boa qualidade. No contexto escolar, a atuação do orientador pedagógico, face às demandas que emergem do cotidiano, passa a incluir novas atribuições. Essa ampliação fica mais evidente no momento atual, marcado pela suspensão das aulas presenciais e a consequente adoção do ensino remoto. A realidade imposta pela pandemia da COVID-2019, resultou em reconfiguração da dinâmica educacional. Tendo esse panorama como base, este artigo, inspirando-se nas contribuições de Placco; Souza; Almeida (2011) analisa como orientadores pedagógicos do Município de Duque de Caxias/RJ conduzem seu trabalho com a alfabetização e com os alfabetizadores. Utiliza-se, metodologicamente, de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratório (CHIZZOTTI, 1995; GIL, 2007). Os resultados evidenciam que os orientadores pedagógicos, embora tenham atuado intensa e ativamente no contexto pandêmico, identificam muitas imprecisões quanto à compreensão do seu papel e função. Apesar da ampliação das atribuições, privilegiaram a busca de estratégias para garantir espaços de formação continuada, entendendo-a como foco da sua atuação.

Palavras-chave: Orientador Pedagógico; Professor Alfabetizador; Alfabetização; Ensino Remoto;

Introdução

A busca por conhecimentos que contribuam para a aprendizagem de todas as crianças tem sido ao longo das últimas décadas o cerne das políticas educacionais. O campo da

¹ Mestre em Educação pela FEBF/UERJ. Orientadora Pedagógica da Rede Municipal de Duque de Caxias.

² Graduada em Pedagogia pela FEBF/UERJ.

³ Mestre em Educação pela FEBF/UERJ. Orientadora Educacional da Rede Municipal de Duque de Caxias.

alfabetização, em especial, no Brasil tornou-se tema de muitas pesquisas e debates. Frente a esse cenário, pesquisadores brasileiros e profissionais que atuam neste campo, sobretudo, os professores e orientadores têm se debruçado na promoção de práticas que auxiliem no desenvolvimento de uma alfabetização de boa qualidade.

Neste sentido, muitos avanços têm sido observados no que se refere aos estudos e aos fazeres pedagógicos no campo da alfabetização. Nota-se a construção de múltiplos olhares sobre os modos de aprender e ensinar a ler e a escrever. No entanto, a alfabetização e as aprendizagens a ela relacionadas ainda se constituem como desafios tanto para as crianças como para os alfabetizadores (LEITE, COLELLO, ARANTES, 2010; LERNER, 2002, SILVA, 2007). Por exemplo, os dados do último Censo Demográfico realizado no Brasil em 2010/IBGE apontam um número expressivo de crianças não-alfabetizadas. Dentre a faixa etária dos 7 a 9 anos, encontra-se um total de 9.142.968 crianças, enquanto na faixa etária de 10 a 14 de idade somam-se 671 mil no ano de 2010.

A este pano de fundo desafiador, soma-se o contexto vivenciado com a pandemia mundial da COVID-2019, que desde março de 2020 impôs uma nova realidade educacional, refletindo e alterando significativamente o contexto das práticas alfabetizadoras. A alfabetização, que por si só, é entendida como um processo complexo, tornou-se ainda mais a partir deste contexto que provocou o distanciamento social, a suspensão das aulas presenciais e a utilização de novos recursos e estratégias pedagógicas.

Diante desses desafios, chama atenção a atuação do orientador no contexto escolar, posto que sua prática vem sendo tecida por uma trama de inúmeras atribuições e demandas, que sem dúvida, intensificam-se ainda mais quando se trata do trabalho pedagógico com alfabetizadores em um contexto pandêmico. O orientador precisa constantemente reinventar e mobilizar saberes que correspondam às dificuldades e impasses de seu cotidiano, uma vez que tem um papel fundamental na gestão dos processos escolares, sobretudo na formação de professores (PLACCO; SOUZA; ALMEIDA, 2011).

Neste cenário educacional marcado pelo enfrentamento de uma pandemia mundial inesperada, este artigo tem como objetivo analisar e refletir sobre os diversos modos pelos quais os orientadores pedagógicos e educacionais do Município de Duque de Caxias têm realizado seu trabalho com a alfabetização e com os professores alfabetizadores. A partir de um estudo exploratório-descritivo, com enfoque qualitativo (CHIZOTTI, 1995), foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 14 orientadores pedagógicos e educacionais atuantes na Rede Municipal de Duque de Caxias, através de questionários disponibilizados

pelo *whatsapp*. Os dados organizam-se nas seguintes categorias: experiência profissional, desafios do orientador na pandemia; o Orientador Pedagógico e o trabalho com os alfabetizadores, os alunos e as famílias.

1. A construção da profissionalidade do Orientador Pedagógico

A atuação do Orientador Pedagógico (OP) no contexto escolar ainda se constitui em um cenário de imprecisões e incertezas que influenciam na compreensão do papel do profissional OP. Diante desse cenário, a falta de clareza sobre as atribuições do orientador implica em um esvaziamento de sua identidade, que ao invés de ser construída em uma base sólida, percebe-se tensionada por muitas pressões que descaracterizam a função desse profissional. Desse modo, é relevante observar aspectos que se articulam para a formação da identidade docente.

Placco e Souza (2012) afirmam que a formação da identidade do OP é um jogo de forças entre o que esse profissional espera de si e o que os demais sujeitos do contexto escolar falam, impõe e pensam sobre o que de fato deve ser a atuação do orientador. Pontua-se que as formas identitárias assumidas pelo OP estão imbricadas por inúmeros fatores e refletir sobre isso permite possibilidades para transformar o fazer pedagógico desse profissional, bem como a sua relação com os demais sujeitos do contexto escolar.

Na sua atuação, o orientador pode ser pressionado por tensões internas, aspectos que envolvem os sujeitos da escola; externas, envolvem o sistema de ensino; e tensões interpessoais, envolvem os aspectos pessoais do OP (PLACCO; ALMEIDA; SOUZA, 2011). Com isso, é possível reforçar que a identidade do orientador pedagógico não se desenvolve apenas a partir das impressões que esse profissional tem de si, mas, sobretudo, com base nas representações que os sujeitos da escola têm do orientador e como este assume essas representações. Para Garrido (2009), a visão que se tem do orientador pedagógico é uma figura recente, atribulada pelas urgências do cotidiano e que tem as suas funções mal compreendidas.

Notadamente é imprescindível ter clareza sobre as definições acerca do orientador pedagógico. Destaca-se que o orientador é um dos principais líderes do processo educativo, ou seja, é um dos grandes responsáveis pela melhoria do processo ensino-aprendizagem. (CARLOS E LODI, 2012, P.64). Considera-se, portanto, o OP como um “ator privilegiado [...] por entendermos que ele tem uma função articuladora, formadora e transformadora e, portanto, é o profissional mediador entre currículo e professor, e por excelência, o formador de professores (PLACCO, ALMEIDA e SOUZA, 2011, p. 228).” Diferente do que convencionalmente se entende acerca do O.P. vinculado à ideia de controle,

a atuação deste sujeito tem como premissa o acompanhamento e assessoria do trabalho docente, no sentido de cooperar com os profissionais da escola, alunos e comunidade escolar. É imprescindível estar atento a estas características, não perdendo o foco da profissionalidade do orientador, a fim de que sua atuação como parceiro não seja confundida na relação pedagógica, negligenciando, assim, sua figura de autoridade frente aos demais sujeitos.

Considerando isto, faz-se necessário que o OP tenha clareza sobre suas reais funções, a fim de que o seu fazer seja caracterizado não pelas emergências da escola, mas em torno do que se conceitua como atribuição do OP. Provoca curiosidade como este profissional tem enfrentado este dilemas no contexto pandêmico. Somam-se a esta, a necessidade de investigar como os orientadores pedagógicos que atuam diretamente com professores alfabetizadores têm realizado a sua atuação durante a Pandemia.

2. A Alfabetização e o Ensino Remoto: o que dizem e fazem os Orientadores Pedagógicos?

Apoiando-se em uma abordagem qualitativa da pesquisa (CHIZOTTI, 1995), e considerando-se os princípios da pesquisa descritiva-exploratória (GIL, 2007), buscou-se investigar os modos pelos quais os orientadores se relacionam com as demandas do seu trabalho junto a professores alfabetizadores, no contexto do ensino remoto. Para a coleta de dados foram utilizados questionários do *google forms* realizados com 14 orientadores pedagógicos e educacionais atuantes na Rede Municipal de Duque de Caxias. Esses questionários foram disponibilizados através de um grupo de *whatsapp* de orientadores da Rede. Os dados dos questionários foram sistematizados a partir das seguintes categorias: Experiência Profissional, Desafios do Orientador na Pandemia; o Orientador Pedagógico e o trabalho com os Alfabetizadores, os Alunos e as Famílias.

2.1 Experiência Profissional

No que se refere ao tempo de atuação na função em Unidades Escolares observa-se a partir do gráfico 1 que dos 14 (catorze) orientadores entrevistados, 8 (oito) possuem dez anos ou mais na profissão.

Gráfico 1- Experiência Profissional do Pedagogo



Fo

nte: Os autores, 2021.

Considerando que o tempo é um elemento “crucial na aquisição do sentimento de competência e na implantação de rotinas de trabalho” (TARDIF, 2012, p.14), a permanência por um longo tempo na mesma função resulta na construção de um saber experiencial (TARDIF, 2012). Nesse sentido, pode-se inferir que os orientadores investigados encontram-se mais experimentados nos dilemas do cotidiano escolar. Entretanto, cabe ressaltar que apesar das pesquisas indicarem a relevância dos saberes da experiência (DIAS; ENGERS, 2005; TARDIF, 2012), a fala dos orientadores deixa pistas de que diante da pandemia, e conseqüentemente, deste novo contexto de trabalho, a necessidade de buscar outros saberes se tornou evidente. A experiência por si só não é capaz de solucionar os desafios emergidos nesse cenário, sendo a formação continuada uma saída e de certo modo um eixo estruturador das ações pedagógicas dos orientadores entrevistados (PLACCO, ALMEIDA e SOUZA, 2011).

2.2 Desafios do Orientador Pedagógico na Pandemia

Com a Pandemia, o cenário educacional passou por inúmeras transformações, provocando muitos desafios para a atuação do Pedagogo. Dentre os desafios vivenciados pelos orientadores neste período, os entrevistados destacaram o enfrentamento do desconhecido, a sobrecarga de trabalho, a preservação da saúde de todos, a limitação dos recursos tecnológicos, as dificuldades de acesso aos meios digitais por parte dos alunos, a pouca participação das famílias e a reorganização pedagógica da escola.

Chama atenção a ênfase dada aos aspectos relacionados à administração do município, destacando-se a falta da organização e as imposições das Secretarias de Educação; e a limitação dos recursos pedagógicos e tecnológicos. Ressalta-se que o aspecto recursos esteve em evidência, em um total de 14 (catorze) entrevistados, sendo registrado

por 7 (sete); já as questões voltadas para a SME apareceram em 4 (quatro) falas. Apesar de parecer explícito a preocupação com o processo de ensino/aprendizagem, o relato mostra que a falta de recursos e a preocupação da SME com os aspectos burocráticos, assume maior visibilidade frente o que de fato tem relevância.

A nuvem de palavras apresentada na figura 1 é um conjunto das palavras citadas pelos orientadores para definirem o seu trabalho no contexto da pandemia:

Figura 1- Nuvem de palavras sobre a atuação do orientador na Pandemia



Fonte: Os autores, 2021

A variação do tamanho das palavras indica a frequência de utilização de cada uma delas pelos orientadores. Nota-se que a palavra que obteve maior destaque foi *desafiador*, enfatizando deste modo a complexidade deste cenário pandêmico. Cabe pontuar que o uso de palavras como *estressante*, *desânimo*, *desgastante*, *adaptação* e *resiliência* reafirmam os conflitos enfrentados pelos orientadores em seus cotidianos e distanciando-os cada vez mais de suas funções essenciais. Apenas um dos orientadores destacou a palavra *articulador*, deixando assim pistas de que conhece suas reais atribuições e concebe seu papel como de um mediador (PLACCO, ALMEIDA e SOUZA, 2011).

Apesar de todos os desafios vivenciados pelo Pedagogo no contexto pandêmico, é importante analisar como este percebe as suas atribuições no cenário educacional. Nas falas dos entrevistados emerge a preocupação com o trabalho pedagógico, a formação docente, as relações interpessoais e o processo de ensino-aprendizagem. Causa curiosidade, o destaque à organização de grupos de estudo e, por conseguinte, a legitimação de espaços de formação continuada.

2.3 O Orientador Pedagógico e o trabalho com os alfabetizadores, os alunos e as famílias

Diante do contexto Pandêmico, os OPs realizaram diversas ações para minimizar os impactos provocados pelo distanciamento social. Cabe ressaltar o trabalho produzido com os alfabetizadores, tendo o objetivo de desenvolver a aprendizagem da leitura, escrita e da matemática, compreendendo os inúmeros fatores que se apresentam como empecilhos para a promoção de uma educação de boa qualidade. A imagem, a seguir, sintetiza as principais dificuldades do Pedagogo na orientação do trabalho pedagógico com o alfabetizador:

Imagem 1- A atuação do OP junto ao alfabetizador



Fonte: Os autores, 2021

A partir da imagem, é possível perceber que o professor alfabetizador demonstrou dificuldades com o uso dos recursos tecnológicos, mesmo sendo uma temática bastante conhecida no contexto educacional. Todavia, considera-se que, infelizmente, a funcionalidade destes recursos não foi bem trabalhada e diante da necessidade de utilização, muitos preferem a negação como a melhor saída. Para tanto, o OP precisa assumir a figura de alguém que vai fomentar a aproximação aos recursos tecnológicos, desfazendo as resistências e mostrando que é possível ressignificar a sua prática. Diante disso, o planejamento se apresenta como a melhor estratégia de intervenção do trabalho pedagógico.

A atuação do OP junto aos alunos e às famílias no que se refere ao processo de alfabetização também se apresenta como um grande desafio. Os orientadores entrevistados indicaram os seguintes aspectos: falta de recursos, dificuldades de aprendizagem, baixa participação das famílias e evasão escolar. Dos 14 (catorze) participantes, todos sinalizaram a falta de recurso como um complicador para o processo de ensino-aprendizagem, ainda mais considerando o universo da pesquisa e o índice de pobreza vivenciado pelas famílias deste município. Frente a esse contexto, a ênfase encontra-se na busca ativa, a fim de evitar a

evasão escolar, exigindo do orientador constantes ações junto às famílias, aos docentes e aos órgãos competentes.

Conclusão

Notadamente, o contexto vivenciado com a Pandemia do Covid-19 trouxe inúmeros desafios para todos os profissionais que atuam nas escolas. Chama atenção como os orientadores pedagógicos, ao assumir uma figura de articulação entre os docentes, os alunos e as famílias, conseguiram executar a sua atuação profissional diante deste contexto. Causa curiosidade, principalmente, porque os estudos mostram que este profissional ainda vivencia muitas imprecisões no que se refere à compreensão do seu papel, sendo esta, muitas vezes, descaracterizada pelo cumprimento de ações burocráticas.

É evidente nesta pesquisa que o OP se percebe tensionado pelas pressões produzidas pela Pandemia, sentindo a sobrecarga do trabalho e tendo que gerenciar problemas nunca antes vivenciados. Os problemas com a falta de recursos tecnológicos também pode ser destacado como um dos entraves para o trabalho pedagógico do orientador, assim como as dificuldades de aprendizagem na leitura, escrita e matemática apresentadas pelos alunos do município estudado e o constante trabalho de busca ativa.

Mesmo diante das tensões vivenciadas pelo OP, observam-se ações que merecem destaque. As pesquisas apontam que apesar do orientador ter a função de fomentar a formação dos professores, este se percebe sobrecarregado de trabalho, deixando esta função em segundo plano. Todavia, curiosamente dentre as ações executadas pelos OPs entrevistados, encontra-se com destaque a organização de Grupo de Estudos. Este é um dado interessante, pois com a Pandemia pode-se perceber que os orientadores voltaram a sua preocupação com a garantia de espaços de formação continuada, superando uma dificuldade encontrada em outras pesquisas. Ainda que tenha desenvolvido diversos saberes, como por exemplo, os experienciais, é possível inferir que diante deste novo contexto, a busca por uma formação se apresenta como uma importante estratégia para o grupo participante desta pesquisa.

Como mediador do trabalho pedagógico, ainda que assumindo uma postura de incentivador, este profissional se percebe, muitas vezes, frustrado, limitado, desgastado, mas acima de tudo, sente-se também desafiado por este cenário, como um sujeito que demonstra resiliência. Considerando os desafios do OP durante a Pandemia, ressalta-se como este encontrou na formação continuada um caminho para direcionar a sua atuação profissional e

fomentar a formação docente, tornando os professores, sobretudo, os alfabetizadores acessíveis às mudanças e contribuindo com a ressignificação das práticas pedagógicas.

Referências

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Censo Demográfico 2010/IBGE**. Brasil, 2011.

CARLOS, J. A.; LODI, I. G. **A prática pedagógica em supervisão escolar: a importância da inter-relação entre o supervisor pedagógico e o corpo docente**. Evidência, Araxá, v. 8, n. 8, p. 55-66, 2012. Disponível em <https://www.inesul.edu.br/professor/arquivos_alunos/doc_1375113555.pdf> Acesso em 18 de nov. 2020.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DIAS, C. M. S.; ENGERS, M. E. A. **Tempos e memórias de professoras alfabetizadoras**. Porto Alegre: Revista Educação, ano XXVIII, n. 3 (57), p. 505 – 523, Set./Dez. 2005. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/429>>. Acesso em 11 jul. 2019.

GARRIDO, Elsa. **Espaço de formação continuada para o professor-coordenador**. IN: BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (Org.). O Coordenador pedagógico e a formação docente. São Paulo: Edições Loyola, 2009.p.9-16

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; COLELLO, Sílvia M.; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2010. – (Coleção ponto e contrapontos)

LERNER, D. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre. Artmed. 2002.

PLACCO, V. M. N. de S.; SOUZA, V. L. T.; ALMEIDA, L. R. O COORDENADOR PEDAGÓGICO: 2011.

EM REDE, A. (2020). **ALFABETIZAÇÃO EM REDE: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO REMOTO DA ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA COVID-19 - RELATÓRIO TÉCNICO (PARCIAL)**. Revista Brasileira De Alfabetização, (13), 185-201. Disponível em:< <https://doi.org/10.47249/rba.v%13.465>

SILVA, E. T. (Org.) **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.